

# O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

## SUMARIO:

*Representação dirigida aos poderes publicos do paiz contra os Jesuitas*, pelo padre Senna Freitas.—SECÇÃO RELIGIOSA: *O Matrimonio*, continuação da Pastoral de S. Ex.ª Rev.ª o Snr. Bispo do Funchal.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *A poesia mystica e um doutor «in cunctis»*, pelo padre F. Sanches; *O artigo 7.º diante da razão e do bom senso, ou as contradicções do Snr. Julio Ferry*, pelo padre Felix.—SECÇÃO HISTORICA: *Uma lição de historia á redacção da «Voz do Povo», do Funchal*, por Elias de Sampaio.—SECÇÃO CRITICA: *A Santa Casa da Misericórdia de Guimarães*, por J. de Freitas; *Coisas! Coisas!*, por um vimaranense.—SECÇÃO LITTERARIA: *Na Madrugada*, poesia, por Manoel Maria Fructuoso; *Victor, ou Roma nos primeiros tempos do Christianismo*, pelo P. F. Gay, traducção do padre Lima.—SECÇÃO PARA RIR.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 15 DE MAIO DE 1881

## REPRESENTAÇÃO

DIRIGIDA

Aos poderes publicos do paiz  
contra os Jesuitas

Illustres membros e representantes  
do governo portuguez!

Sou a hora de virnos desportar-vos  
do somno profundo que pareceis dor-  
mir, repotreados no regaço de um estoi-  
cismo olympico.

Somos o povo soberano, que vem  
afirmar desassombrado os seus direi-  
tos perante vós, arbitros descuidosos e  
dos destinos d'esto reino. Fallamo-vos  
de pé e de frente alta como áquelles  
que collocámos no parlamento pela nos-  
sa livre escolha para gerirdes em nosso  
nome a cousa publica, ou como áquel-  
les que o rei nomeou para serem os paes  
da patria e a patria somos nós. Exalça-  
nos o character que nos reveste, justi-  
fica-nos a causa que defendemos, temos  
a alma de Mario e Sylla, sabeí vós ter  
a de Cromwell.

Silenciámos por largos annos, mas  
hoje já é de sobra. Os jesuitas tocaram  
em Portugal a meta das suas infamias.  
Tolerat-os por mais tempo seria cobrir-  
nos de eterno opprobrio.

Não e não!

Poderes publicos, alerta!

Poderes publicos, justiça!

Não consintais d'ora avante que o  
farrapo negro d'esses roupetas pretenda  
esconder-nos o sol refulgente da liber-  
dade que conquistámos á custa do san-  
gue que arregou nossos campos e pra-

ças e que tão dignamente hemos sabido  
manter.

Constituímos uma nação culta, sobre  
a qual se alevantou sobranceira ha qua-  
renta annos a aurora da revolução, e é  
proprio das nações cultas o *perseguirem*  
por todos os meios as instituições que  
lhes não convem e os homens que as  
persomnicam, assim como é proprio  
d'ellas o dos codigos que as regem o  
prearem a liberdade de consciencia e  
de ensino. A lucta pela palavra e pela  
concurrência é para os hotentotes o sa-  
moyedos; a falsificação da Historia d'en-  
volta com a calumnia convencida por  
tal, e com a caricatura soez, ou mesmo,  
quando seja preciso, com o ostracismo e  
o argumento summario do espingardea-  
mento são para nós, filhos de Voltaire  
e de Marat. Viva a liberdade! Abaixo

os loyolas!  
Appellamos para o governo, já que  
o não somos. Torna-se urgentissimo  
contra esses communistas negros (que  
por nosso mal acalentamos ao seio),  
pondo por obra o decreto dos tempos  
do absolutismo, que immortalizou o in-  
signe marquez de Pombal, o heroe de  
Belem, de Palhavan e do Tribunal da  
Inconfidencia, o benemerito verdugo  
de centenares de jesuitas afundidos no  
Oceano ou fallecidos n'um doloroso de-  
grado. Estremecemos a tolerancia mas  
não somos tão hydrophobos do despo-  
tismo que de tarde em tarde lhe ne-  
gueimos rendido preito, nos momentos  
criticos em que a patria periclitita!...

Espanquo-se para longe do reino es-  
sa un-lecima praga, que, enxotada lá da  
França gambettista em bem da religião  
e da moralidade, saltein assustadora-  
mente as nossas fronteiras, invade as  
nossas cidades, acomette os nossos larcs,

põe em risco a ordem publica, derran-  
ca os fortes e são costumes nacionaes,  
contramina os triumphos do progresso,  
e ameaça a mesma hygiene, porque nos  
obrigará dentro em pouco a respirar  
jesuitas em vez de oxygenio, a espir-  
rar jesuitas em vez do vapor d'agua e  
a não podermos conversar sem que os  
perligotos que nos salpiquem sejam  
liquificações de jesuitas. Todos os  
dias chegam novos cardumes da sei-  
ta no Caes das Columnas e a Cam-  
panhã, disfarçando-se por tal arte que  
passam tão impunemente como uma  
carta no correio. Ninguem os vê, mas...  
pullulam e obstruem o transitio dos car-  
ros e dos piões. Hoje repellimol-os in-  
dignados, amanhã admirar-nos-hemos  
de nos vermos todos jesuitas. Oh que  
não! Recuaríamos primeiro aos tempos  
em que em Portugal se era celtibero  
ou turdetano.

Estancou de todo a nossa paciencia.  
Juramos sobre o coração de D. Pedro  
IV desfazer-nos dos ignobeis roupetas  
de Ignacio de Loyola.

Que fazem esses cogumelos sociaes  
no nosso paiz?

Que serviços prestam para que os to-  
leremos? Dão missões, isto é, levam a  
perturbação ao meio dos povos, fomen-  
tando a reconciliação das malqueren-  
ças, promovendo a restituição do alheio,  
facilitando a cessação do concubinato  
pelo matrimonio legitimo, aconselhando  
a concórdia das familias áquelles que  
tão pacificamente viviam no odio entra-  
nhado, nas delapidações, na manelbia  
e nas dissensões domesticas. Isto é in-  
toleravel! Ensinam em collegios, do par  
com o tyrocínio preparatorio que corres-  
ponde ao programma completo dos ly-  
ceus, o fossil culto de Deus e de Jesus  
Christo, a lei christã e o não menos

fossil respeito para com a liberdade, alheia e a Carta Constitucional, que proíbe a perseguição por motivos religiosos. De resto, em sciencia são uns leigaços de raça apurada, que tresandam a theologia rançoza e a acido sulphidrico. Constituem, como lhes dissemos, hontem, a evolução definitiva da toupeira, esta inquilina casmurra do subsolo, onde não penetra o olho do astro do dia, *dove il sol tace*. Taes são os reverendos obscurantistas, que ainda não descascaram um sabio, um illustre (mau grão as certidões de alta capacidade que lhes passou o ignorantão de Cesar Cantu) e que só sabem fornecer cauellas á matilha das raposas nos exames annuaes dos seus alumnos. Estabelecem o supremo contraste com osco, filhos da Idea Nova, evolução ultima do macaco, o mais serio, bonito, e sobretudo DECENTE em costumes, dos individuos da escala zoologica. A semelhança que com elle temos inutilisa as negações alvares de todas as toupeiras, e na nossa heraldica de familia só sentimos que, não faltando o rabo ao brasão d'armas, nos falte a nós. Do «Espírito Santo» a «Santa Quiteria», de Santa Quiteria á «Formiga», é uma rede compacta de gymnasios dirigidos por jesuitas. Que muito faz que n'essas casas de educação não haja, em ultima analyse, *um só jesuita* e sim padres seculares, o que se pode verificar, se se quizer? Que importa isso, dizem? Se estes não são membros da Companhia de Jesus, são amigos d'ella, caminham no mesmo eido, alvejam o mesmo fito. Nós não córamos de repetir a sublime resposta dada pelo lobo da fabula ao cordeiro: «se não foste tu, foi teu pai», e ainda menos trepidamos de applicar o profuudo conceito de Nicolau Machiavel: «os fins justificam os meios.» Demais, a elasticidade da linguagem é tanto uma lei da nossa escola voltareana como de certos corpos da natureza.

Que outros crimes commettem? inquirirá o governo. Que outros crimes commettem?! O seu nome já é um crime que os delata e os denuncia á aversão geral! Para que se exige mais? E' certo que nos seria difficil declinar outros flagícios, porque os sabem perpetrar por modo que escapam a toda a acção dos tribunaes a ponto de não constar que jesuita d'esto reino esteja ou tenha estado, d'ha quarenta annos a esta parte, no Limoeiro de Lisboa, na Relação do Porto ou em qualquer outra cadeia, privilegio de que se não podem gabar as outras classes da sociedade, a principiar pelos escriptores publicos e deputados da nação, que piolharam nos calabouços mgzes esquecidos. Todavia é-nos facil appellar para a Historia da famosa Companhia, estudada desde o

seu berço. Melhor do que nós a conheceis, dignos representantes da nação. Faltariamos á consideração que nos mereceis se entrassemos a descortinar-vos o estendal hediondo das suas torpezas, ou levantassemos sequer a ponta do sudario que as envolve. Não se nos desluz da memoria que historiadores que se dizem sizados e até escriptores protestantes teem pretendido vindicar a seita negra da maior parte das recriminações que lhe assacam, taxando-as de calumniosas, mas nós rimon-nos da sua ingenuidade historica. Embora taes recriminações sejam mais que contestáveis, a critica moderna pode afferil-as com a medida do *ser e não ser*—de Hegel, tirando-lhes as consequências mais consentaneas com a... liberdade. A pres-tidigitação historica entra hoje no quadro dos processos da escola positivista.

Não pense o governo que obtemperamos a um odio systematico; não nos obceca a paixão anti-jesuítica; sabemos que os membros de uma associação não são propriamente solidarios pelos delictos que commetteram em epochas anteriores os membros da mesma associação, pois aliás poder-se-hia revidar igualmente ás faces dos membros de todas as associações, politicas, civis, litterarias, mercantis, etc. Comtudo, se os jesuitas residentes em Portugal não podem ser apontados como *typo* dos *lendarios* regicidas (crime horrendo para nós, que verteriamos a ultima gotta de sangue pela pessoa sagrada do nosso rei!...), concussionarios, agiotas, reus de estilonato dos seculos precedentes, são capazes de representar o mesmo papel e tanto basta.

Não pense tão pouco o governo que nos vexa até ao furor a presença do jesuita, em quanto elle se defronta imperterrito a um progresso desnorteado, que prescindindo do christianismo e de todo o vinculo moral. Não! O motivo porque lhe votamos uma aversão impenitente é... é... o contrario.

Illustres senadores e deputados da nação portugueza! Chegou a hora de tocar a rebate nos arrataes da LIBERDADE. A este nome immaculado descobrimo-nos e curvamos o joelho em terra. Expulsem-se dos lares patrios o lémures que são o pezadello da nossa existencia. Se não basta expulsal-os, mandai-lhes chupar canna d'assucar para Angola, se não basta para extinguil-os o degredo africano e receais que lá mesmo compromettam a sorte de uma das nossas *flourescentissimas* colonias, então á lanterna! A' lanterna, como outr'ora se fez, na gloriosa epocha de 93, aos girandinos. A carne de patibulo não eram ou não deveriam ser, em boa verdade, esses martyres da revolução, condemnados por suspeitos de adversos á «indivisibilidade da republica», pos-

to que verdadeiros santos canonisados no nosso calendario liberal; a carne de patibulo são os jesuitas, monstros ineditos da sociedade! Conceda-se á pena de morte o ultimo repasto a que ainda tem direito em pleno seculo XIX; lancem-lhe na guela os filhos de Loyola e deixem a boa-constrictor hybernar regulado por largos annos. Ao menos, ao menos varra-se desapiedadamente d'este formoso sólo o lixo repellente que o conspurca, porque o principio dissolvente da patria, o óbice perpetuo ao seu desenvolvimento, a lepra, em summa, que a corroe, não é a desmoralisação impune, symptomada no theatro phescenino, no romance ultra-realista, no jornal demagogico em plena monarchia, na enorme prostituição que lavra atravez das cidades como um herpes medonho, como a superficie oleaginosa e fetida, que accusa um verdadeiro lago Asphaltite, no insulto sacrilego á religião do Estado e seus ministros, commettido no proprio templo do Deus vivo, no respeito do mal, no escarneo da virtude, nem tão pouco o é o atheismo assentado no magisterio universitario e nas escolas do ensino superior ou propalando a incredulidade do alto da tribuna da imprensa; a lepra que corroe este paiz, é o jesuita. Por isso é contra elle e contra elle só que bradamos com toda a força de nossos pulmões e resolvemos soltar um protesto tão agudo e energico que será preciso que o governo tenha nos ouvidos todo o algodão da America para o não ouvir.

Que nos importa a nós que Voltaire, Frederico da Prussia, Catharina da Russia, Bacon, Leibniz, Macaulay, Balzac, Lamartine, Chateaubriand, Camillo Castello Branco, Ayres de Gouvêa, se deshonrassem tecendo a apothéose do jesuita e fazendo-se accionistas officiosos de uma Companhia fallida por todo o sempre? Indultemos-lhes esse labeu. Não a conheceram á justa. Mas nós conhecemol-a melhor do que elles; somos melhores olheiros e sentimos nas veias a coragem precisa para vir denunciá-la, como infame, aos altos poderes do Estado, reclamando com toda a hombridade que nos confere o direito, a sua prompta extradição.

Queremos ser attendidos; esperamos sel-o. Não julguem os homens do poder que os collocámos acima das nossas cabeças para estarmos á sombra, porque para isso bastavam-nos os telhalos, mas para serem os promotores natos dos nossos interesses e os executores legacos dos nossos... caprichos. Exigimos, portanto, que se cumpra o decreto firmado pelo punho de Sebastião José de Carvalho e Mello, de tyrannica porem benemerita memoria: exigimol-o em nome da LIBARRRDADE periclitante, da ordem publica compromettida, das cons-

ciencias alvorotadas, da pureza exanguine dos costumes, da educação atrophada; em nome da propriedade predial monopolisada por um só agiota, o jesuita, e da coacção imposta por elle ao direito liberrimo de testar; em nome das uvas e das batatas viciadas pelo virus jesuitico, em nome das castanhas e das nozes, cujo desaparecimento pranteamos e que só podem voltar-nos a desabotoar nas arvores com a partida do derradeiro lóyola.

Vamos! Accordai do letargo que vos paralisa, membros do governo portuguez, mostrai-vos dignos da nobre classe que illustraram um Tanuci, um Choiseul, um Aranda e um Pombal.

Sejam rebuscados os jesuitas nos seus alfoubres. Se se fecharem, gazuai-lhes as portas e depois conduzi-os até ao caes de Sodré, emmolhai-os todos, baldeai-os para dentro de uns poucos de lanchões de cabotagem, mandai-os para bórdo da corveta Vasco da Gama e deportai-os para a terra do côco e da mandioca.

A expulsão por vós votada e decretada marcará uma das mais brilhantes epochas da tolerancia politica da nação. D'esse acto altamente civilisador surgirá, como um *deus ex machina*, a mais ditosa, a mais prospera das populações da Europa, que fará mentir a supposta felicidade fabulosa do reinado d'Astrelia.

O Povo Soberano

Está conforme. Porto, 11 de Maio de 1881.

P.º SENNA FREITAS.

## Secção Religiosa

### O MATRIMONIO

PASTORAL DE S. EX.ª REV.ª O SNR. BISPO DO FUNCHAL

(Continuado do n.º 13)

Não só, porém, no povo hebreu, mas em todos os povos gentios appareceu sempre a acção sagrada do principio religioso a formar e a sanctificar as fontes mysteriosas da vida. Assim como Deus, o Pae e Creador, apparece logo no principio do mundo para abençoar o primeiro matrimonio, promulgando por bocca de Adão as leis de todos os casamentos; quarenta seculos mais tarde o Verbo divino desce á terra para restaurar e aperfeiçoar a obra da criação: restitue ao matrimonio a *unidade e indissolubilidade* alteradas, ou antes postergadas por judeus e pagãos: offerece-nos o typo ineffavel do matrimonio na união que se dignou contrahir com a nossa natureza; torna-o um sacramento

para conferir aos esposos as graças necessarias ao desempenho das augustas funções d'esta união.

Nos deoito seculos decorridos depois da *Incarnação da Egreja* tem sempre applicado cuidados tão carinhosos e delicados a este alto sacerdocio da ordem temporal, por leis tão sabias lhe tem conservado a pureza e com tal coragem o tem defendido que jámais recuou um só passo ante os assaltos furiosos da incontinencia e das paixões, não poucas vezes apoiadas e estimuladas pelos potentados do mundo.

E' muito para ver-se e admirar-se a corajosa intrepidez dos Romanos Pontifices lutando com poderosos monarchas; assim como a pureza da doutrina constantemente ensinada pelos santos Padres, escriptores ecclesiasticos e theologos de todas as edades e de todas as escolas, ainda mesmo nos tempos semi-barbaros; a isempção nobre e viril das assembleias conciliares nos proprios paizes onde dominava um sombrio e cruel despotismo.

Desde Nicolau I e Urbano II até Pio VII quantos rasgos sublimes de valor dos Pontifices romanos para assegurar a pureza e santidade do matrimonio, defendendo as victimas da prepotencia feroz e das paixões brutaes!

Será bastante para demonstrar esta affirmativa recordar só dois factos, ambos relativos a monarchas poderosos de França, Phillippe Augusto e Napoleão I.

Phillippe escolhera para esposa uma princeza do norte pela qual pouco depois sentiu uma grande aversão, repudiando-a para casar com outra. A desventurada esposa appellou para Roma e o Papa Innocencio III recebendo-lhe a appellação e tomando perfeito conhecimento da justiça que lhe assistia, admoestou o rei de França para que não quebrasse por mais tempo a fidelidade do thoro nupcial; mas porque o monarcha não quiz acceder ás paternaes advertencias do chefe supremo da Christianidade viu cair sobre si o peso tremendo das censuras, que foram fulminadas em seu proprio reino por um legado da Santa Sé.

Uma alma crente não pôde resistir á justiça divina, embora administrada por um representante da divindade, e por isso aquelle animo varonil, que não desmaiava ante o inimigo nos campos de batalha, curvou-se humilhado sob os raios da Egreja, e prestou-se a reparar o escandalo publico e a injustiça que commettera. Assim elle se mostrou mais valoroso e digno, do que abaten-do seus adversários e engrandecendo a monarchia, porque triumphou de inimigos mais terriveis, a soberba e a sensualidade, causas de innumeradas calamidades para os povos e para os reis.

«Quantos infortunios se teriam pou-

pado á França, diz a este respeito um historiador insuspeito, o protestante Hurter, se Luiz XV tivesse encontrado na cadeira apostolica a gravidade austera e a energia indomavel de Innocencio III! O dever de um Papa é ser pastor tambem dos reis para assim melhor salvar os povos.» (1)

Oxalá que em todos os tempos se dessem d'estes grandes exemplos de coragem por parte dos que governam, e de respeito da parte dos que obedecem. Não teriamos que lamentar tantas guerras e tamanhos desastres, como a historia nos offerece. Mais tarde por motivo semelhante foi a Inglaterra arrancada á unidade e sepultada nos abysmos da falsa reforma porque um monarcha licencioso, activo e cruel cerrou os ouvidos á voz paternal do Vigario de Christo e dos mais dignos membros do episcopado inglez, alguns dos quaes expiaram no cadafalso a virtude de não abafarem a voz da consciencia e do dever.

«Se o christianismo, diz ainda a tal proposito o mesmo historiador, não foi impellido para um canto do globo, como qualquer seita sem valor; se não foi reduzido a uma simples formula como as religiões da India; se nada perdeu de sua energia europêa no seio das voluptuosidades do Oriente, tudo isso se deve á vigilancia e severidade dos Pontifices romanos, a seus cuidados constantes de manter o principio de authoridade na Egreja.»

O moderno Attila, com fins de assegurar sua politica desmedidamente ambiciosa, tambem pretendeu pôr ao serviço de paixões ignobes o Papado, porém teve de reconhecer por mais de uma vez que não é licito affrontar o Ungido do Senhor sem provar amargos desenganos.

(Continúa).

## Secção Scientificu

### A POESIA MYSTICA

#### Um doutor «in cunctis»

Ao acabar de lêr os formosissimos discursos, pronunciados na Real Academia Hespanhola por dois alevantados e privilegiados talentos, senti o coração bater de alegria, acompanhada d'um pequenino sentimento de orgulho, por vêr plena e proficientemente explanadas algumas das minhas idéas sobre poesia mystica, e por min expendidas no primeiro anno de publicação do «Progresso Catholico».

Já então fiz umas referencias a um

(1) Hurter—*Histoire d'Innocent III.*

doutor nosso, que se occupa do mesmo assumpto no seu livro — *Estudos da Eklude-media*. Ora en, não sabendo dar mais formal desmentido, nem justificar melhor as minhas justas recriminações ao snr. Joaquim Fernandes (Theophobo Desbragado), tomei a resolução de verter em linguagem algumas passagens d'aquellas excellentes producções litterarias.

Tem, por, tanto, a palavra D. Marcelino Menendez Pelayo (1).

«Procurei assumpto (diz este modesto e illustradissimo escriptor na informação do seu discurso) que por sua excellencia, e por ser sympathico a toda a alma christã e hespanhola, velasse os poucos quilates do meu estylo e doutrina, e fixeime n'aquelle genero de poesia castellhana pelo qual a nossa lingua mereceu ser chamada lingua de anjos. Permitti-me, pois, que por breve tempo vos falle da *poesia mystica em Hespanha*, dos seus caracteres e vicissitudes, e de seus principaes autores...

Poesia mystica não é synonymo de poesia christã... Berd-Gabriel é poeta mystico sem ser christão. Principe dos poetas christãos é Prudencio, e não ha n'elle sombra de mysticismo.

Porque para attingir a inspiração mystica, não basta ser christão nem devoto, nem grande theologo nem santo, mas sim requer-se um estado psicologico especial, uma effervescencia da vontade e do pensamento, uma contemplação aturada e profunda das cousas divinas, e uma metaphisica ou philosophia primeira, que vai por caminho diverso, porem não contrario, ao da theologia dogmatica. O mystico, se é orthodoxo, acceita esta theologia, considera-a como base de todas as suas especulações, mas vai mais alem: aspira á *posse de Deus por união de amor*, e procede como se Deus e a alma estivessem sós no mundo.

Este é o mysticismo como estado da alma, e a sua virtude é tão poderosa e fecunda, que d'elle nascem uma theologia e ontologia mysticas, em que o espirito, illuminado pela chamma do amor, vislumbra perfeições e attributos do Ser, a que o arido raciocinio

(1) Menendez Pelayo é um verdadeiro portento. Ha dois annos (contava apenas 23 annos de idade) foi nomeado, depois de brilhantes provas, lente da Universidade Central de Madrid. Poeta distincto, e escriptor do alto criterio e são juizo, a sua coroa litteraria é a *Historia dos heterodoxos hespanhoes*, obra monumental, verdadeira maravilha de erudição, e que para a levar a cabo seria necessaria a vida d'um autor, caso esse autor não fosse Menendez Pelayo. A 6 de março de 1881 tomou assento na cadeira que o autor de *Los amantes de Teruel*, Hartzembusch, deixou devoluta na Real Academia Hespanhola. Foi então que pronuncion o celebre discurso que passo a transcrever.

não chega; e uma psychologia mystica que perscruta e descobre as ultimas raizes do amor proprio e dos affectos humanos, e uma poesia mystica, que é simplesmente a traducção em formas artisticas de todas estas theologias e philosophias, animadas pelo sentimento pessoal e vivo do poeta, que canta os seus espirituaes amores (1).

Só no Christianismo vive perfeita e pura esta poesia...

Fóra do Christo humanado, laço entre o coo e a terra, que arte, que poesia sagrada haverá que não seja monstruosa como a da India, ou solitaria e infecunda como a dos hebreos da Idade Media?

Esta poesia, ainda a imperfeita e heterodoxa, quer tenha por interpretes *yoguis* indostanicos, gnosticos de Alexandria ou rabinos judeos quer ascetas christãos, não é nem podia ser em seculo algum genero universal e de moda, mas só proprio e exclusivo de algumas almas selectas, desprendidas das cousas terrenas, e muito adeantadas nos caminhos da espiritualidade...

Creio pois e affirmo que os conceitos que servem de materia á poesia mystica são de tão elevada natureza e tão syntheticos e comprehensivos, que, chegando a entrevel-os, entendimento e phantasia, e vontade e arte e ciencia se confundem e fazem una mesma cousa, e o entendimento dá azas á vontade, e a vontade accende com o seu calor a phantasia, e é viva chamma de amor na arte o que é serena contemplação na theologia.

Se separamos cousas inseparaveis, em vez das odes do S. João da Cruz, temos o vazio e femenil sentimentalismo dos versos religiosos de agora.

Não julgemos que a sciencia é obs-

(1) Comparem agora os leitores esta comprehensão elevada e philosophica da poesia mystica e de seus salutareos effeitos, com o que nos diz sobre o mesmo assumpto o snr. Theophilo, philosopho, astronomo, mathematico, phisico, chimico, biologista e anthropologista: como lhe chama a princeza Rattazzi: «A mulher, sobre tudo, menos curiosa da razão sufficiente das cousas, sujeita a padecimentos hystericos, enumerando-se da frente altiva e conjuntamente modesta do Christo, como a representavam os pintores da idade media, era mais propensa ao esquecimento da vida exterior, em que a alma livre se absorve na essencia da divindade... Eram as bellas imagens de Jesus, inspiradas pelo espiritalismo da estatuaría christã, que faziam abraçar na labaroda do amor religioso as virgens sepultadas na flor da idade nas solidões do claustro. Bellas, fallavam-lhes nos sentidos, e é por isso que o amor divino apparece sempre com um caracter sensual, como nos desvários sublimes de Thereza de Jesus.»

E agora digam-me se Camillo tem ou não razão em affirmar que a cabeça d'este doutor *in cunctis* tóa a vazio e que todo elle é uma bexiga de gazes maa.

taculo a cousa alguma; principalmente, não julgemos que a sciencia de Deus trava a mão do que ha-de enaltecer com a lingua do rythmo as divinas perfeições.»

(Continúa).

P.º F. SANCHES.

O artigo 7.º diante da razão e do bom senso, ou as contradicções do snr. Julio Ferry.

Pelo Revd.º Padre Felix

### TERCEIRA CARTA

O artigo 7.º e os direitos do estado

(Continuado do n.º 10)

Como se chama hoje o Estado?

Nós sabemos-o. Mas amanhã ou depois de manhã como se chamará? em que homens se incarnará? Não sei, e vós tambem o não sabeis. Effectivamente quem poderá saber-o?

N'esta ordem de cousas tudo é possível. E o Estado ao qual imprudentemente tivesses dado posse de direitos não demonstrados e de um poder insufficientemente justificado, acaso não seria sempre o Estado reclamando o uso dos mesmos direitos e o emprego do mesmo poder?

Quem é então que não vê quam prudente reserva e quam previdente sabedoria deve ter o ministro d'um qualquer governo quando reivindica ou proclama oficialmente o que elle chama *direitos do Estado*? — Por que razão? direis vós.— A razão é demasiado evidente; e esta razão eil-a aqui: é que se os direitos e o poder de que armaes o Estado podem um dia estar nas mãos da justiça e da virtude, podem, n'outro dia, cair nas mãos da iniquidade e da malvadez.

Que o Estado como tal tenha direitos que nascem de seus deveres, não seremos nós de certo quem pretendamos contestal-o: direito de legislar, direito de governar, direito de administrar, direito de declarar a guerra e de fazer a paz, direito de receber impostos, direito de crear exercitos para defender a patria e tribunaes para defender a justiça; direito de proteger a segurança das familias, a autoridade dos paes, a liberdade dos cidadãos, a vida de todos; direito de vigilancia e de policia exterior, mesmo sobre o ensino: quem é pois que se lembra de contestar ao Estado todos estes direitos que nascem de seus proprios deveres?

Mas o direito de ensinar, o direito

de educar os filhos, o direito de vos substituírdes e de vos impordes como Estado á familia para a realisação d'esta obra reconhecida por toda a parte e sempre como a obra propria da familia, este direito, aonde pretendeis ir buscal-o, Snr. Ministro? em que constituição, em que carta, em que legislação divina ou humana o achareis escrito, este direito estranho, este direito verdadeiramente *novo*?

« Mas eu ouço-vos dizer: este direito não necessita, para vós, de estar escrito em uma carta, em uma legislação, em uma historia qualquer; este direito está escrito na consciencia de todo o homem de Estado que tem juntamente com o sentimento de sua missão, a convicção de seus direitos. Se é preciso dar credito ao que dizeis, o Estado não é unicamente o mandatario da sociedade para o regulamento da ordem publica, é o tutor; elle é, como Estado, o tutor universal de todos os filhos da patria, e como vos apraz proclamal-o mui alto, o *pae* de familia que domina todas as outras, mesmo no governo das cousas da familia. D'aqui, é claro, nasce para o Estado o dever e por conseguinte o direito de preparar as gerações e com ellas todos os progressos do futuro por meio do ensino e da formação da juventude. Este direito, no nosso entender, nem mesmo é discutiavel. Diante do seculo que vos escuta e da posteridade que vos espera, vós o declaraes e tornaes a declarar; sim, o ensino da juventude e a educação da infancia é o direito do Estado por que é o dever do Estado. Segundo a vossa maneira de dizer, nem isto necessita de demonstração porque são d'aquellas cousas que brilham por sua propria evidencia como o sol por sua propria luz.

Mas antes de tudo, Snr. Ministro, será verdade que este direito que attribuis ao Estado brilhe aos nossos olhos com semelhante esplendor de evidencia? N'este caso, não ha remedio, nós e o genero humano temos de acreditar que estamos cegos completamente, por que a humanidade, quer antiga, quer moderna nunca se mostrou nem ainda hoje se mostra mais que nós impressionada pelo esplendor d'esta evidencia. Tanto para ella como para nós, esta evidencia tinha grande necessidade de ser esclarecida por alguma boa demonstração. E' muitissimo commodo invocar a evidencia quando o bom senso exige razões da vossa parte.

Este direito inaudito, este direito que reivindicades para o Estado como é que o demonstraes? Vós affirmae-l'o e affirmae-l'o incessantemente, mas estas affirmações ainda mesmo feitas por um, ministro nunca, em tempo algum terão o valor de uma demonstração. Este direito que affirmaes é negado jun-

tamente por nós e pelo senso commum do genero humano.

E já agora, permitta-me Vossa Excellencia que lhe proponha aqui uma questão muito simples, mas muito decisiva: Se este direito de ensinar e educar que attribuis ao Estado, é tão claro, tão manifesto, tão *evidente*, como podeis explicar o não o haverem reivindicado todos quantos Estados teem apparecido no mundo, pequenos ou grandes, antigos ou modernos? Não é só de hoje haver sociedades e n'estas sociedades, Estados destinados a governar. E provavelmente os homens que na esphera de suas attribuições podiam dizer como vós: *O Estado sou eu!* não eram menos ciosos que o Snr. Julio Ferry, de conservar todos os direitos do Estado. Pois bem! eu o pergunto á vossa erudição de homem politico, quantos imperios, reinos, republicas conheceis, nas quaes se tenha reivindicado como essencial ao Estado, o direito de formar a infancia e de educar a juventude? Dar-se-ha caso que para autorisar sua publica e manifesta aggressão contra a liberdade de ensino e de educação o Snr. Ministro se contente com o exemplo dado pela republica microscopica e longiqua de Lacedemonia? por ventura não haveria para elle em toda a historia das sociedades humanas outro ideal da politica para o seculo decimo-nono que não fosse o imitar este despotismo de Sparta, despotismo ridiculo e sacrilego ao mesmo tempo, que chegava a confiscar, nada menos que todo o direito paternal e maternal, para arremessar os filhos aos pés d'esse idolo que se chamava a patria? e empenharieis d'aqui para o futuro a honra do vosso liberalismo em reproduzir sobre toda a terra de França esta tyrannia lacedemoniana lançada á ignominia por todos os moralistas e coberta da reprovação do genero humano?

— Que importa, direis vós, que todos os Estados do mundo antigo e do mundo novo não tenham reivindicado os direitos que nós reivindicamos? Nós não temos obrigação de imitar todos os povos da terra; o que sobretudo devemos imitar são nossos paes. Os nossos grandes antepassados de 89, e sobretudo, de 93 não eram imitadores: a nós cumpre-nos caminhar pelas sendas que elles abriram, para atingirmos os nossos grandes destinos.

— Seja! Tendes dous exemplos para autorisar o vosso pretendido direito do Estado em materia de ensino e de educação; o exemplo tristemente celebre de Lacedemonia e o não menos tristemente celebre de vossos antepassados de 93. Mas será Lacedemonia toda a historia do mundo antigo? e será 93 toda a historia do mundo moderno?

(Continúa)

## Secção Historica

### UMA LIÇÃO DE HISTORIA

à redacção da «Voz do Povo» do Funchal

I

Catholicos, apostolicos romanos, como nos prezamos ser, somos obrigados a praticar todas as virtudes que Jesus Christo, pela bocca do seu Vigario na terra, nos ensinou. As obras de misericordia são, d'entre as praticas a que é obrigado todo o christão, as que mais agradam aos olhos de Deus, e são essas as que nós mais temos a peito exercer.

Uma das obras de misericordia é— *castigar os que erram*. Já praticamos esta boa obra, castigando a redacção da *Voz do Povo*.

Outra é:— *perdoar as injurias pelo amor de Deus*. Tambem praticamos esta boa obra de misericordia para com a redacção da *Voz do Povo*.

Não é das menos meritorias e das que menos agradam a Deus a que nos manda *ensinar os ignorantes*, e é por isso mesmo que nós a reservamos para o fim.

Vamos, pois, ensinar os ignorantes da *Voz do Povo*.

Agrupem-se em volta do *Progresso Catholico* os meninos redactores; desprezem os folhetos e reportorios onde teem bebido as erradas noções de historia, que tão enfatuadamente veem repetir para a tribuna da imprensa, e escutem:

S. Pascal, ou Pascal 1.º, como quer a *Voz do Povo*, não *mandou arrancar os olhos e cortar a cabeça a Theodoro, é a Leão seu genro*, como erradamente escreve o *sabio* redactor.

A tal respeito leiam o que escreveu um dos mais illustres historiadores dos tempos hodiernos, J. Chantrel, escriptor que decerto não conhece a redacção da *Voz do Povo*, acostumado, ao que parece, a tomar lições de historia a pequenas doses por causa das indigestões, molestia que ataca com frequencia as pessoas pouco dadas ás letras.

Diz Chantrel:

«Os beneficios e virtudes de S. Pascal não o livraram da inconstancia dos romanos. Formaram-se em Roma dois partidos contra elle; queria um que toda a auctoridade estivesse no imperador, pretendia o outro que Roma fosse independente, até do Summo Pontifice. Rebentou a sublevação. Foram presos e mortos Theodoro, primicerio, e Leão, seu genro, nomenclador ou se-

cretario da Egreja romana. O partido imperial accusou o Papa de os ter mandado matar para se vingar do imperador. Luiz e Lothario pediram explicações; Pascal asseverou debaixo de juramento, que não mandára fazer taes mortes, mas não quiz entregar os homicidas, porque Theodoro e Leão tinham sido justamente punidos, como reos de lesa-magestade. S. Pascal sobreviveu pouco a estes tristes acontecimentos, morrendo a 10 de fevereiro de 824.»

De Eugenio II, diz a *Voz do Povo*, que mandara transportar dos sepulchros de Italia ossudas petrificadas e as vendia á Europa christã.

Isto de mandar vir de Italia para a Europa christã, quer-nos parecer que a Italia não era christã nem fazia parte da Europa. Cousas da *Voz do Povo*. O povo engana-se muitas vezes.

Leia ainda o que escreveu Chantrel acerca d'este Papa, e ficará sabendo que elle não podera ter tempo de andar a desenterrar ossos.

«Durante o seu curto pontificado occupou-se Eugenio II especialmente em manter a pureza da fé no Occidente, avivar no clero o amor do estudo e sciencias ecclesiasticas, e restabelecer a disciplina onde desaparecia. São para notar-se os seus cuidados de mandar vir pão para Roma e em tal quantidade, que se vivia lá mais barato, que n'outra qualquer cidade. Amava os pobres e cuidava com paternal solitudine do bem estar dos doentes, viúvas e orphãos.»

O pão que o virtuoso Pontifice mandava vir para Roma, é, talvez, ao que a *Voz do Povo* chama ossadas petrificadas! Não se assuste, collega, um engano quem quer o tem! Mas vá aprendendo para não continuar a dizer asneiras.

De Sergio II (?) diz-nos o *sabichão* cousa nenhuma e de Leão IV, de quem se esqueceu dizer Santo, tambem diz a mesma cousa. Diz o que lhe ensinaram, coitado!

Quando o nosso homem quiz mostrar o seu saber profundo, e derrocar, com poucas linhas, o Pontificado, a Religião santissima de Jesus, o tudo quanto ha de mais veneravel em meio d'este seculo das luzes, onde medra (parece incrível!) a *Voz do Povo*, foi contando a historia da carochinha, que a criada lhe ensinou em pequeno, e na qual entra uma mulher, que foi Papa, amante d'um cardeal, e que morreu com as dores do parto em meio de uma cerimonia religiosa!

Para tanto, collega, não estavamos nós preparado! Lá vae o Papa! Lá vae a Egreja! Lá vae tudo quanto Martha fiou!

Mas, como não estudamos pela car-

tilha do ignorantão da *Voz do Povo*, e nos não envergonhamos de perguntar aquillo que não sabemos, vamos bater á porta de auctoridade competente e pedir-lhe nos informe acerca de um facto tão escandaloso, tão preñhe de criminosas poucas vergonhas.

Seja Chantrel quem nós consultemos ainda d'esta vez, e, porque este sabio escriptor se escuda com opiniões de historiadores contrarios á Egreja, será demasiadamente bastante o que nos disser para mandar palmatoar o rabi-cador da *Voz do Povo* e apontal-o ás gerações presentes e por vir como um ignorante de má fé, um patarateiro de primeira força e tudo quanto quizerem, elle seja menos um homem, porque o homem creado á imagem e semelhança de Deus já mais desce á calumnia, ás mais torpes baixezas para agradar a quem lhe paga a assignatura do periodico que redige, ou para fazer jus á esportula que lhe dão os Mest.: para redigir um periodico que ninguem lê sem morrer de riso e compaixão pelo pantomimoiro que o escreve.

Leiam, pois, e que a lição lhes aproveite:

#### «A PAPISA JOANNA

«Acabamos de ver como Benedicto III succedeu a Leão IV; os factos são precisos, circumstanciados, indubitaveis. E diz-se que em vez d'aquelle papa subiu ao throno pontificio uma certa mulher, a quem chamam *papisa Joanna*. Os protestantes e inimigos da Egreja catholica não podiam deixar de acolher com jubilo esta calumnia, tão odiosa como ridicula, e assim o fizeram no seculo dezesseis e com tanta impudencia e afouteza, que por fim inspiraram duvidas até a bons catholicos. Um escriptor protestante, que escreveu uma *Historia dos Papas*, A. Bost, disse o seguinte: «A papisa Joanna, filha de Moguncia, foi para Roma com o nome de João de Inglaterra, e a seus talentos deveu a corõa pontificia. Se este pontificado de uma mulher é fabula, como o querem muitos protestantes, pelo menos é um facto affirmado sem contradicção durante cinco seculos por historiadores catholicos romanos, por secretarios dos papas, bibliothecarios do Vaticano, penitenciaros, bispos, papas e santos.» Vê-se que o escriptor protestante, obrigado a registrar uma fabula, despresada até por protestantes, faz quanto pode para se crer na verosimilhança d'ella. Pouparemos o leitor, não lhe ennumerando as grosseiras chufas e vergonhosas obscuridades, que a proposito d'este assumpto dizem os escriptores inimigos da Egreja; o thema presta-se a isso, d'elle se usou e abusou; mas como a verdade é conhecida, serve tudo isso

apenas para confusão da impiedade e glorificação d'uma instituição, que só com a calumnia e mentira póde ser atacada.

Eis o que pensa da historia da papisa Joanna o illustre Leibnitz, uma das glorias do protestantismo do seculo dezassete: «Acabo de tirar a limpo uma dissertação composta, quando eu estudava a historia do seculo nono e me occupava muito com questões theologicas. Intituleia-a: *Flores sparsi in tumulum Joanae papissae*; Flores lançadas sobre o tumulto da papisa Joanna. Nesta obra desfaço a fabula da tal papisa com provas já conhecidas e com algumas novas. Derramo bastante luz sobre a chronologia d'aquelles tempos, que muito precisavam de ser esclarecidos, e respondo aos ultimos argumentos de Frederico Spanheim que, n'um livro impresso ha annos na Hollanda, tentava rehabilitar aquella fabula (1).» D'esta opinião não é só Leibnitz; Blondell, Pearson, Casaubon, Bayle, rejeitaram a fabula da papisa e demonstraram até á evidencia não só a improbabilidade, mas até a falsidade d'ella. De suas obras conclue-se: 1.º que os contemporaneos não fallaram de tal impostura; 2.º que não é admissivel a narração de tal facto e contém tantas contradicções, como inverosimilhanças; 3.º que é rejeitada pela chronologia. Basta abrir os auctores contemporaneos, que se occuparam da successão dos papas ou que tiveram occasião de fallar n'elles, para se ver que collocam Benedicto III logo depois de S. Leão IV, não mencionando nada que se pareça com a fabula da papisa Joanna; está provado que aquella fabula só começou a ter voga no seculo quinze e é provavel que a sua invenção não seja anterior áquelle seculo.

Temos escripto assaz sobre uma fabula, em que já ninguem acredita. Basta o que acabamos de dizer para se apreciar a boa fé d'um escriptor, que acaba de publicar uma *Historia dos Papas*, por nós refutada mais de uma vez (2). «Mas ainda que estes factos fossem inventados, diz elle, depois de ter descripto esmeradamente a odiosa historia da papisa Joanna, a origem de tal invenção daria uma idéa dos escandalos, que affligiam a cidade eterna.» A origem de sua invenção póde provar a perversidade dos inventores e não os escandalos d'uma cidade que até áquelle tempo só tinha visto Pontifices commendaveis por suas virtudes.»

Leu? Compreendeu a lição?

Pois então vá agora para casa, es-

(1) Leibnitz, liv. II, 284, *Epist. ad P. D. Bruces.*

(2) Agostinho Challamel, *Historia dos Papas.*

fregue as mãos por causa das palmas toadas que os bons mestres costumam administrar aos discipulos formados, longe da escola, em sciencia acanhada, e, quando os ardores das mãos, e os formigueiros das orelhas lhe hajam de todo desaparecido, volte para junto do *Progresso Catholico*, que n'elle continuará a achar muito que aprender, e muito que o faça envergonhar da pedantesca estulticia com que veio para a imprensa fallar de cousas sobre que não sabe abrir o bico.

ELIAS DE SAMPAIO.

## Secção Critica

### A SANTA CASA DA MISERICORDIA DE GUIMARÃES

Visitamos ha dias o hospital da Santa Casa da Misericordia, d'esta cidade, e ficamos maravilhado ante o aspecto magestoso de tão vasto edificio, e não menos ante a boa ordem, e asseio que reinam em toda aquella casa de caridade.

Demo-nos parabens por ter ido ali, e agradecemos ao revd.º Casimiro Machado d'Oliveira, digno capellão d'aquella casa, o instar connosco para que visitassemos o hospital. Por vezes havemos fallado das irmãs hospitaleiras, ou antes irmãs da caridade, porque nos apraz mais chamar-lhe assim, e não tinhamos sido testemunha nunca dos seus trabalhos nas casas onde vivem.

De hoje em diante vamos fallar como testemunha de vista, porque tivemos occasião de as observar em todos os trabalhos, e temos por isso o direito de lançar á face dos calumniadores um rasgado—mente, quando disserem que a humanidade não deve nada a essas mulheres.

Estava eu n'um pateo que desce da claustrada para a cerca do edificio, fitando absorto o quadro formosissimo que se estendia diante de mim, quando senti passos d'alguem que se aproximava. Ao voltar-me achei-me em frente d'uma irmã da caridade, que passava sobraçando uma bacia com roupa. Descobri-me á sua passagem, como costume fazel-o, sempre que a virtude e a abnegação se aproximam de mim, mas a pobre irmã nem reparou no modo reverente como eu a saudara; não tirara os olhos do lagedo do pateo. Fiquei corrido, franqueza, franqueza!

Lembrou-me então que já um dia certo poetastro cá da terra vimaranense dissera ter eu cara de communista; e attribui a isto o silencio da filha da caridade. Mal pensava ella, ao julgar-me como o tal palerma, que tinha junto de si o mais denodado soldado que na imprensa portugueza defende as ir-

mãs da caridade contra as investiduras dos liberdadeiros, dos Neros do seculo dezenove.

Se não fez caso de mim ao passar tambem o não fez para cuidar dos seus trabalhos. Por baixo do sitio onde eu estava ha um tanque e ali, a irmã, pousando a bacia que levava principiou a lavar pequenos pannos, que serviram n'aquelle momento, talvez, no curativo de nauseabundas feridas e, quando estavam bem lavados, bem ensaboados, bem alvos os pannos, estendeu-os ao sol e retirou-se, sem se importar com quem ali estava, cuidando só do que ali a levára—lavar os pannos que haviam servir de novo aos seus irmãos pobres!

Desejei ter ali alguns amigos meus que não sabem ainda o que fazem nos hospitacs as irmãs de caridade!

Penetrei depois, acompanhado pelo revd.º padre Casimiro, no vasto edificio, visitando primeiro a cosinha, ampla, com todas as regras exigidas pela hygiene, com todas as commodidades exigidas para o regular e rapido andamento do serviço. Ao fogão, junto ao enorme fogão, onde ardiam todas as fornalhas lá estava, de abanador em punho uma irmã da caridade! Fui ali mais feliz; devido á companhia do padre capellão, tive um cumprimento da irmã cosinheira. Notei, e não pôde pessoa alguma que visite aquella casa, deixar de reparar na enorme mesa de pedra, collocada ao meio da cosinha, coberta por uma taboa. E' onde se fazem, ou se partem as rações. Não haveria certamente muitas horas que ella servisse, mas apesar d'isso era tão limpa, tão alva, tão assejada, como é limpa, alva, e assejada a jardineira de uma dama a mais elegante, a que mais timbre em ter luxuosamente assejados todos os moveis do seu palacio!

Depois visitamos as enfermarias umas apoz outras e todas ellas, seis ou oito, espaçosas, altas, com rasgadas janelas, que deixavam entrar luz em tanta abundancia, que mais parecia estar-se em pleno jardim; tanta era a luz, o sol, o aroma que penetrava dos campos pelos ventiladores.

As enfermarias communicam umas com outras por meio de largos e elegantes corredores envidraçados, e o andar terreo com o superior por elegantes escadarias.

Em cada uma das enfermarias, prestes a acudir ao primeiro gemido, lá estava uma irmã da caridade, com a alegria estampada no rosto, com o sorriso nos labios, contente porque estava no seu posto de honra, na casa onde ha gemidos, onde ha dores, onde ha tudo que faz afugentar os amigos da humanidade, os apóstolos da *liberdade, igualdade e fraternidade!*

Quando passavamos um corredor

abriu-se uma porta e appareceu uma irmã da caridade pedindo ao padre capellão que levasse o Sagrado Viatico a uma creança que estava a morrer. Com que empenho ella instava para que a Sagrada Communhão não faltasse a quem ia morrer! O padre observava-lhe que não podia a doente receber nosso Pão, porque não tinha dez annos, mas que a ia ungir se estava na ultima hora. E a pobre irmã, com a ingenuidade que possuem as almas candidas, continuava a pedir, até que se convencera de que não era possivel.

Faria isto um enfermeiro mercenario, d'estes que dosejam o rapido passamento do moribundo para mais depressa deixarem de lhe assistir, quando lhe assistem? Não, decerto.

Na egreja, que fora dos frades Capuchos, se conhece mesmo a mão da irmã da caridade. E' tão limpo o pavimento, são tão lavadas as toalhas, tão assejados os altares, tantas as flores por toda a parte que, estando-se ali, parece que a alma se remonta ao céu, esquecendo-se completamente das cousas da terra.

Sahimos com a alma cheia de santo contentamento, bomdizendo quem tem concorrido para collocar aquella casa a par dos mais bem conceituados hospitacs não só de Portugal mas das nações estranhas, dando assim aos pobres, durante a molestia, tudo quanto lhes falta em casa, quando teem saude.

Damos os parabens ás mezas administradoras da Santa Casa: á que ali introduziu as irmãs de caridade, e ás que as teem conservado, e a ellas, ás benemeritas enfermeiras, verdadeiros anjos calidos do céu em meio da corrupção do seculo, um brado de entusiastico agradecimento em nome da miseria reconhecida.

J. DE FREITAS.

## COISAS! COISAS!

O socialismo ou nihilismo trabalha devoras. Entre nós já se contam os seus periodicos por dezenas. O seu *desideratum* não é sómente acabar com os thronos; é sobre tudo acabar com a religião.

«Enforçar o ultimo rei seria pouco: seja enforcado com as tripas do ultimo padre, e a humanidade deixará de ser escrava»: — eis o supremo *desideratum* dos grandes *humanitarios!*

Embrutecer as multidões; desmoralisar a juventude; crear em cada escola um centro de impiedade e de atheismo; nivelar todas as classes e prógar ás turbas o grande principio: — a propriedade é um roubo — tal o fim satânico dos inimigos de Deus e da sociedade.

Em Hespanha, na Italia, na Russia,

na Belgica, em Portugal, em França, em toda a extensão do orbe, existe a mesma seita, predomina o mesmo pensamento, e não ha fronteiras nem cordões sanitarios que livrem os povos d'esta contágio terrivel e assustadora...

Eganamo-nos: ha um cordão sanitario que nos pode preservar, é o dos principios catholicos applicados á politica e a tudo, mas os moderados e conservadores do liberalismo sentem calafrios quando n'isso se lhes falla, e não os querem applicar! Tempo virá... em que já talvez não seja tempo.

Lê-se n'uma folha de Roma, a *Fanfulla*:

«Ontem, em Liorne, um assassino matou no meio da rua o pobre doutor Ferenzona. A força publica acudiu e prendeu... o cadaver.

«O assassino não foi encontrado.

«Pouco antes, em Baide, foi assassinado o padre Bonainto; em Borgheto, foi morto o militar Antonio Rappa; em Veneza, o guarda Dametto foi enviado para o outro mundo... e os assassinos não apparecem.

«Hoje, em Alexandria de la Paglia, voou, por meio de dynamite uma casa... ficando quatro ou cinco mortós, oito ou dez feridos, duas familias arruinadas, a cidade atemorizada e o paiz alarmado...

«E os auctores do attentado não podem ser descobertos.»

Ora, quasi todos estes crimes são devidos aos effeitos da politica.

São as bellezas da Italia *una*, e do excellente progresso maçonico e maçonnador.

O doutor Ferenzona era o auctor dos folhetos — *Garibaldi, o ingrato e Garibaldi politico*, e era correspondente da *Gazeta de Italia*.

Pelo seu odio a Garibaldi já tinha sido por vezes espancado e ameaçado de morte.

Quem quizer tire a moralidade.

*L'Ordre et la Liberté* contam, referindo-se á expulsão dos carmelitas de Montélinar o seguinte facto que merece ser registrado para confusão dos incredulos:

«Entre alguns *mirones* que, na occasião da execução dos decretos contra as Ordens religiosas vociferavam com mais raiva, achavam-se trez operarios que trabalhavam na reparação de uma casa visinha da dos reverendos religiosos.

«Estes desgraçados caíram do alto de um andaime, morrendo um e ficando os outros gravemente feridos. Ora na occasião em que se dava este terrivel accidente, veio um dos bons padres que tinha ficado para guardar a sua habitação, em soccorro dos desgraçados operarios. No impulso da caridade lembrando-se só do bem que fazia, e es-

quecendo injurias passadas, transportou-os para o seu leito, vingando-se tam bellamente do mal que d'elles recebera a sua communidade.»

Foi assim que os religiosos pagaram aos seus inimigos.

As congregações religiosas são perseguidas pelo governo da França, mas em compensação a população inteira recebe os membros d'ellas de braços abertos; os jornaes todos os dias mencionam algum offerecimento feito aos membros das congregações; assim entre outros nomearemos o seguinte dirigido ao R. P. Guardião do convento dos Capuchinhos de Marselha:

Meu reverendo padre.

Tenho a honra de vos participar que ponho á disposição da vossa communidade a minha casa de campo de Bouc-Albertas, como asylo contra as perseguições de que a vossa ordem é alvo. Enquanto durar esta situação critica achareis em minha casa refugio e hospitalidade de modo que estareis ao abrigo de qualquer preocupação temporal.

A Igreja de Bouc é visinha da minha habitação, o que completa a hospitalidade que do coração vos offereço.

Fico ás vossas ordens para tomar as disposições necessarias para a installação da vossa communidade na minha propriedade.

Dignai-vos acceitar meu reverendo padre os meus sinceros cumprimentos.

V. Julien.

«Quatro boas noticias! — Segundo se lê nas *Missions Catholiques* Mgr. Lavignerie, arcebispo de Alger, acaba de construir um collegio em Tunes, mesmo em Byrsa, sobre as ruinas da antiga Carthago. Foi construido juncto á capella que o *Bey*, ainda que mahometano, deu licença de se erigir á memoria de S. Luiz, rei de França, morto de peste n'estes logares em 1270. A direcção d'este collegio foi confiada aos padres jesuitas, a quem não prejudicam as leis existentes em Tunes.

E' a vingança dos jesuitas: no momento em que são expulsos da patria vão trabalhar por ella entre os povos barbaros e selvagens.

Na diocese de Buffalo foi, ultimamente, recolhida, em varias egrejas, para o Obulo de S. Pedro, 250,425 dollars.

No dia 15 do mesmo mez, em Braddock, Estado da Pensilvania, Monsenhor Tuigg, Bispo de Pittsburg, consagrou um templo allemão, dedicado a S. José.

No *Kath Volkszeitung*, de Baltimore, lê-se que, no dia 19 de agosto passado, em Eau Claire, Estado de Wisconsin, foi lançada com grande solemnidade a

primeira pedra de uma grande igreja, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, e que servirá para a população allemã d'aquelle logar.»

Como é sabido o snr. Beaudry-d'Asson foi ha pouco expulso da camara gambetteira franceza por ter fallado em «gazeiros», referindo-se aos miseraveis executores dos *famosos* «decretos». O *Univers* descreve assim o final da sessão em que o energico deputado catholico foi expulso:

«O snr. Gambetta não quer que se empregue a palavra, mas quer que o governo vá fazendo a coisa: *gazuar* é um meio republicano de governar. Toda a gente sabe isto, todos o vêem, e todos o dizem. M. Ferry acaba de se gabar de ter *gazuado* 261 conventos. Não importa. A palavra já agora está na bocca de todos, e com indignação de todos os peitos e foi repetida pela imprensa. Não é parlamentar, mas injuriosa, na opinião de M. Gambetta. Por isso reclama a exclusão temporaria de M. de Beaudry d'Asson. A exclusão é votada como que por aclamação; e M. Gambetta, insolente no triumpho como aventureiro que é, volla-se para seu collega ferido pelo voto e diz-lhe com uma graça parlamentar de mau gosto: — «Ponde-vos na rua, que aqui nada tendes a fazer já... O deputado da Vendée fita-o face a face, e sem proferir uma só palavra vai sentar-se no seu banco, e põe-se de braços cruzados. A esquerda e o centro berram... E' levantada a sessão; M. de Beaudry d'Asson fica senhor do terreno e é o ultimo a sair da sala. O ministerio está achatalado, e o presidente da Camara furioso. «Ou estará louco? E o adagio de M. Thiers sairá certo?»

Não é só o suicidio que está em progresso; tambem o duelo. Ha poucos dias lemos, por exemplo:

«Em Pariz, tem havido, desde o primeiro de janeiro até o fim de outubro, nada mais nada menos do que *cento e quarenta* duellos!

*Um bom padre.*—Ha 20 annos que foi assassinado em Benameji, povo da provincia de Malaga, um habitante que se chamava Francisco Martins, deixando sua esposa ainda joven e um menino de dez annos de idade, quando muito.

O assassino foi sentenciado a presidio, pena que em parte soube illudir, e a pagar á viuva, como indemnisação do damno, dezoito mil reales, cujo pagamento illudiu completamente, fingindo ter vendido os seus bens.

Mas não conseguiu obter o perdão da principal aggravada, que havia jurado não lh'o conceder nem aqui, nem na presença de Deus.

Correram os tempos, e o filho do assassinado chegou a sacerdote, sem conseguir que sua mãe concedesse ao assassino do auctor de seus dias o perdão que para elle sollicitava.

Veio, porém, um momento solemne, o da morte do assassino, e o padre, que o soube a tempo, recorreu novamente a sua mãe, lançando-se-lhe de joelhos e pedindo por entre lagrimas que perdoasse aquelle que estava prestes a dar contas a Deus dos seus actos na vida, e que, em favor dos filhos que deixa este infeliz renunciasse tambem ao seu direito de cobrar a indemnisação que lhe era devida.

A' força de supplicas conseguiu aquelle digno sacerdote que a energica mulher que o trouxera em seu seio accedesse a quanto lhe pedia.

Corre então a casa do moribundo, annuncia-lhe que lhe leva o perdão de sua mãe, que não tema por seus bens, que serão para seus filhos, e que pôde morrer tranquillo, porque elle como ministro do Deus de misericordia, e sua mãe, como christã, rogarão a Deus que tenha compaixão da sua alma.

Esta scena, que não é para descrever-se, commoveu quantos a presenciaram e fez na localidade tão grande estimulo que algumas pessoas fizeram espontaneamente restituções ou se reconciliaram com seus inimigos.

*Tolerancia republicana.*—A «Justiça Portuguesa» diz n'uma carta ao senhor D. Luiz, a respeito das casas de jogo e dos Jesuitas o seguinte:

«Resta-nos o ultimo recurso—o excesso — reclamando providencias officiaes, ou proclamaremos ao povo o estado de sitio, *pondo fogo* ás casas d'esses *hediondos habitantes, correndo-os a tiros* para longe da patria.»

O collega da «Justiça», é realmente um ratão de bom gosto.

Com que então é preciso incendiar e correr tudo a tiros heim?

Palavra, que ficamos assustados e a tremer como varas verdes.

Pois os republicanos, que tanto gritam contra as *fogueiras*, querem assar vivos... os Jesuitas?

Pois querem tudo isso, e mais; e, antes de incendiar as casas, *passar a lava* ao que merecer a pena.

Deixar arder tudo, senhora «Justiça», assim como uma fogueira na festa de St.º Antonio, é muito bonito, menina; mas sempre seria bom apanhar alguma coisa.» —Até qui o «Commercio do Minho.»

O caso é que a *liberdade* em Portugal permite se escreva o que escreve a «Justiça»; mas não permite, ou quer-se que não permita, vivam tranquillos em suas casas os membros de Congregações religiosas approvadas pela Igreja!

UM VIMARANENSE.

## Secção Litteraria

### NA MADRUGADA

Tout est bruit, lumière et joie.

LAMARTINE.

Pelos escuros da terra  
d'ouro e rosa a côr se esbate.  
Foi-se a noite. A aurora bate  
nas cumiadas da serra.

Sobre a franja do oriente  
oscilla a nuvem phantastica,  
producto de esbelta plastica  
do dedo do Omniacente.

As mansas aguas distilla  
do valle o seio ubertoso:  
d'ellas o rosto mimoso  
ao beijo da aura se anila.

No occaso a palida lua  
descae atraz dos outeiros,  
em quanto os sons derradeiros  
a philomela accentua.

A natureza suspira:  
a rolva ás luzes se aquece...  
a love espiga estremece;  
adorna á folha a saphira.

Exala incenso o arvoredor;  
diffunde o ar puro afago...  
esplende o iris no lago;  
enlaga a onda o rochedo.

O collo materno abraça  
o infante que a vida encanta;  
e olhando os ceus, logo canta:  
—Ave, Mãe plena de graça!

MANOEL MARIA FRUCTOSO.

## VICTOR

OU

ROMA NOS PRIMEIROS TEMPOS DO CHRISTIANISMO

PELO P. F. GAY

Tradução do Padre Lima

### CAPITULO IV

#### Um Sibarita Romano

(Continuação)

Atormentado pela fome e pela sede, recusou o negro pão, que lhe offereciam e não quiz beber senão um pouco d'agua morna. De vez em quando ouvia-se-lhe dizer: Que grande sabio vae perder o mundo!

Alli sube Nero, por via d'um mensageiro, que o Senado o considerara como inimigo publico e como tal lhe ia infligir

o castigo determinado pelas antigas leis, que consistia em desnudar o réo, amarrar-lhe a cabeça a um cêpo e açoitá-lo até morrer. Cheio de medo, lançou mão de dous punhaes que trazia consigo, examinou a tempera de suas pontas, apontou um ao coração... mas não se atreveu a cravá-lo.

Pouco depois se ouviu o ruido de ginetes, que se approximavam. E então todo sobresaltado, convulso e louco de medo o enterrou na garganta.

Ainda estava agonizante, e já seus olhos, saltando das orbitas, aterrorizavam e faziam fugir os circumstantes.

Alfim expirou, e Roma julgava-se liberta; mas isto não passava de uma fugaz esperanza.

Galva e Oton, successores de Nero, governaram pouco tempo. O glorião Vitellio, que lhes succedeu, morreu tambem dentro em pouco: e Vespasiano e Tito, que pareciam começar de governar com mais justiça e magnanimidade, só duraram dez annos.

Subiu, pois ao throno Domiciano. Este principe dissoluto renovou todos os crimes de Nero. Para empunhar o sceptro envenenou Tito, seu irmão, crime, que procurou dissimular com exterioridades de mansidão e modestia. Como Nero, gostava dos jogos e dos combates de gladiadores; e quando não havia victimas entrelinha-se a caçar moscas com um ponção. Muitas vezes, para requinte de crueldade, admittia á sua meza os que havia condemnado á morte, e ao outro dia mandava-os suppliciar.

Tal era o homem que tinha as redeas do governo n'esta epocha a que chegou nossa historia.

Victor cresce honrado e estimado de quantos o conhecem por via de sua esbirpe e de suas virtudes. É um joven cheio de attractivos e de meritos.

No seu sympathico rosto divisam-se-lhe os traços caracteristicos do romano e do bretão.

Bem ao contrario dos jovens patricios que o rodeiam e que se entregam ardentemente a todos os prazeres, que a dissoluta Roma a cada passo lhes proporciona, elle prefere a soledade, o estudo e o trabalho.

Assim consegue ser respeitado, mesmo d'aquelles que não têm valor para imitar sua conducta. Era realmente para admirar o bello porte d'este joven, orfão quasi desde o berço, e que não podia ser guiado, no meio das innumeras seducções que o rodeavam, nem pela engenhosa ternura d'uma mãe, nem pela sabia prudencia d'um pae.

Mas o que lhe tinha valido e o havia preservado era uma força mysteriosa, que sentia dentro em si desde creanga, força que elle não podia explicar, mas a que elle nunca quiz resistir. Era a

graça do Baptismo. Victor era christão, como já sabemos; mas, attendendo ás violentas peripecias dos tempos de Nero, elle ignorava-o.

Nosso joven patricio costumava reunir de tempos a tempos alguns dos seus amigos, que por relações sociaes elle costumava convidar algumas vezes para o seu jantar.

Appropinquava-se, pois, um d'esses dias, destinados a estas festas de amizade, e Victor ordenou a seus escravos que o transportassem á *villa* do seu amigo Aureliano, porque tinha summos desejos de o ter tambem n'aquelle dia em sua companhia.

Aureliano pertencia á nobre juventude romana. O conhecimento, porém, d'este personagem, exige que nós façamos aqui a descripção succinta do seu modo de viver. Servir-nos-ha até de typo para conhecermos os costumes dos romanos ricos d'aquelle tempo.

Ao amanhecer, em quanto Aureliano prolongava preguiçosamente o repouso da noute, uma turba de *aduladores*, amigos, familiares e parasitas esperavam-no no vestibulo. Depois de ter acordado e penteado o cabello e vestido a toga, vinha encontrar dispostos em duas filas aquelles que tinham precisão de fallar-lhe.

Pouco tempo gastava em aviar estas audiencias, que por muito favor costumava conceder aos ricos.

Depois ia ao fóro: a pé, quando queria que o vissem, rodeado de seus clientes; em liteira, levado aos hombros dos seus escravos, quando tinha pressa. Alli costumava informar-se das novidades, ia aqui e alli, comprimentava os amigos, entretinha-se com o pretór e conversava ácerca de seus negocios.

Mas quando se ia approximando o meio dia, voltava ao palacio, e no silencio do seu quarto, onde só penetrava uma escassa luz, e ao murmurio dos diversos repuxos d'agua do seu *cavaedium*, ou se deitava a dormir, ou então, aspirando os arômas das plantas e os perfumes, se punha a pensar sobre os passatempos e diversões que escolheria para a tarde.

A's duas, Aureliano fazia-se transportar ao campo de Marte para entregar-se ao exercicio dos torneios, da esgrima, da pélla ou da gymnastica, até que se abrissem os banhos, que elle não dispensava de forma alguma.

Segundo o costume, tomava em primeiro lugar o banho frio na grande piscina; depois o mórno nas pias de marmore; em seguida o banho a vapor e por ultimo o dos oleos e essencias aromaticas. Aqui tomava parte nas conversações dos diversos grupos presumindo de sabio e de gracioso; alli ouvia juntamente com outros jovens romanos, aos oradores, poetas e cantores, que

procuravam ardentemente applausos e bajulações; pois as *thermas* serviam ao mesmo tempo de gymnasio, de lugar de recreio, de Bolsa, de tribuna, e de sala d'aquelle Roma voluptuosa e sensual.

Ao anoitecer é que costumava jantar o sybarita Aureliano, e por isso ou vinha para casa aos hombros dos seus escravos, ou convidado por algum dos seus amigos disfructava na meza de todas as iguarias que a opulencia e a exclusividade da arte podia idear.

Tal era o joven patricio a cuja casa chegou Victor, surprehendendo-o recostado e meio a dormir sobre um magnifico divan, dos que se chamavam *aurea sponda*.

—Como te atreveste, disse-lhe Aureliano vendo-o entrar, a arrostar com este sol ardentissimo para vir aqui?

—Só assim, Aureliano, visto não me ser possivel encontrar-te em Roma.

—Por Jupiter! Pois queres que deixe minha *villa* para estar em Roma, que ha dias a esta parte parece mesmo o forno de Vulcano?

—Espero, todavia, que os rigores do verão não obstarão a que venhas assistir a um banquete para que venho convidar-te.

—Agradecido Victor; fica descansado, que eu não falto. Quantas pessoas convidaste? E quem são?

—Seis ou sete. Bem sabes o adagio «nem mais que as Musas, nem menos que as Graças». São o filho de Publio Lucio, Julio Agripa, o senador Lentulo e Paulo Silano.

—Isto é, a flôr de Roma. Nem era de esperar outra cousa.

—São meus amigos da infancia, Aureliano, todos estes, cuja amizade se conserva apezar dos muitos vaivens da vida.

—Ah! Esquecia-me perguntar-te... Mas receio tornar-me indiscreto...

—Nunca o são os amigos, Aureliano, e tu menos que ninguem. Pergunta o que quizeres.

—Ouvi dizer, que a joven Claudia está em vespervas de ser tua esposa, e a nobreza romana até já marca o dia do casamento.

—Aureliano, disse Victor modestamente, os que fallam do meu casamento ignoram completamente os meus designios.

—Todavia, Claudia é uma menina prendada e tambem herdeira de grande fortuna.

—Não digo menos d'isso; mas eu é que ainda não pensei em casar-me. Não insistas, Aureliano; isso são vozes destituidas de fundamento.

—Já aqui não está quem fallou, Victor; mas permite-me que te diga, que se tu não pensas em casar-te, penso eu, e que minhas pretensões se dirigem a

Flavia Domicilla, sobrinha do imperador. —Oxalá os deuses favoreçam tuas esperanças, disse Victor esforçando-se por evitar um sorriso.

Houve um momento de silencio. Aureliano depois disse:

—Espera-se que os jogos capitolinos sejam magnificos.

—O imperador procura recrear o povo, recreando-se a si proprio, mesmo porque é apaixonado pelos combates de gladiadores.

—E serão numerosissimos, disse Aureliano. Parece-me que até para estes jogos chegou já uma multidão d'elles, e que além d'isso os carceres estão apinhados de criminosos.

—De christãos, talvez quizeses dizer.

—Sim, christãos ou criminosos: tanto faz; pois esta raça proscripta torna-se sempre odiosa por seus crimes.

—Sobre isso nem sei que dizer-te; mas confesso-te que me custa muito a crer que os christãos sejam tão criminosos, como querem dizer. Cada vez que no amphitheatro vejo morrer um d'esses desgraçados, parece-me que me matam uma pessoa de familia. Talvez seja uma pusillanidade, mas eu não posso evitar-a.

E ao dizer isto, Victor alisava com a mão direita seus louros cabellos e olhava para uma e outra parte como se quizesse e tentasse distrahir-se d'um pensamento, que o assaltava.

Passado, porém, um momento de profundo silencio, levantou-se.

—Com que então ficamos n'isto, Aureliano; conto contigo.

—E já te vais embora? perguntou Aureliano, levantando-se tambem. Vais assistir, talvez, ás conferencias d'algun philosopho? Se eu até já ouvi dizer, que é rarissimo lá fallares.

—Não é por isso; é que se faz tarde, e é-me preciso voltar a casa, ainda que não fosse por outro motivo, senão para escapar á trovoadá, que parece estar imminente.

E sahindo fóra lhe mostrou o horizonte, todo assombreado de nuvens.

—Tens razão; temos trovoadá. Victor, não te demores. Adeus. Vai, vai e os deuses te defendam.

E complimentando-se reciprocamente, se separaram. Victor entrou para a liteira, sentou-se, os escravos pozeram-se a caminho e lá partiu.

(Continúa).

### Secção para rir

E' sabido que os costumes do povo do Minho são essencialmente primitivos. Dir-se-hia, n'alguns logares d'esta provincia, que se está ainda na *idade de pedra*.

Ha poucos dias deu-se o seguinte episodio na aldeia de...

«Creada, vá arranjar o meu quarto. Quero a bacia muito bem lavada, o soalho varrido, os moveis espanados. Vasculhe tudo muito bem.»

«Fique socegado, senhor, que lhe vou pôr o seu quartinho aceso que nem a nossa egreja da freguezia.» E foi.

No entretanto, o amo entrou para o seu escriptorio e poz-se a escrever uma carta. De repente ouve um grito agudo: «Anjo bento!» Levanta-se e já a creada sahia do quarto precipitadamente, dirigindo-se ao escriptorio do amo. Mudára de côr; tinha os cabellos eriçados e os olhos em alvo.

«Mas então o que é isso? O que é que te succedeu?»

«O senhor tem um bicho feio no seu quarto, que me ia matando de susto: ai, minha mãe santissima!!»

«Um bicho! Tu estás tola, mulher.»

«Um bicho, sim senhor. Toquei-lhe sem querer com a mão e elle pareceu sumir-se, mas levantou-se logo. Tem mais do não sei quantos olhos.»

«Seja assim. Pois deixa estar que eu vou já matal-o. Vein commigo e diz-me onde o viste.»

A creada acompanhou o amo. Entraram na alcova. Ella aproximou-se do lavatorio e estendendo o braço a medo apontou para um objecto que estava proximo da bacia. Era... uma esponja. A creada nunca tinha visto uma esponja.

O facto é de rir e não é fabula nenhuma. Deu-se, não ha ainda uma semana.

Certo ministro protestante, que se tinha em conta de orador de mão cheia, ao concluir um longo sermão composto de textos torcidos e de dormideiras, encontrou-se, saindo do templo, com um notavel escriptor, que se achára presente ao *preaching*.

«Então que lhe pareceu hoje o meu sermão?» perguntou-lhe.

«Muito bom, muito bom,» tornou-lhe o escriptor interpellado.

«Nada de lisonjas; diga-me com franqueza qual foi a passagem que mais lhe agradou e que lhe pareceu mais notavel.»

«Não sou competente para julgar; dispense-me d'esse trabalho.»

O orador porém tanto insistiu, tanto atenuou o illustre ouvinte, que este afinal respondeu:

«Houve uma passagem linda para mim, mais do que todas as outras...»

«Qual foi? qual foi?»

«Foi a passagem do pulpito para a sacristia.»

Imagine-se a decepção do vaidoso.

## Retrospecto da quinzena

Eis-nos em maio! Parece que o espirito, ao aproximar-se este mez, nos fomos e vae prestar respeitoso culto lá nos céos A quella que é mãe nossa, de eu-volta com o incenso que as florinhas, quaes thuribulos agitados pelas frescas brisas dos campos, offertam à Rainha das Virgens.

A immensa alobada ostenta todas as suas galas, veste esse formoso manto que tem a côr dos olhos das virgens e do manto da Rainha de todas ellas; e cá em baixo tudo nos annuncia o mez de maio, o mez consagrado a Maria. Os campos são esplendidos jardins; os montes formosos thronos cobertos de flôres pela mão da natureza para festejar Maria; nos templos eccoam alegres cantos, soldados por aquellas que se acoitam sob o manto das divinas misericordias da Virgem, e nas campinas, no mais alto das serras, em toda a parte onde ha uma arvore ahi está um côro de innocentes avesinhas, descuidosas do dia de amanhã, loucas, contentes com um raio de sol que as acalenta, e mostrando o seu louco contentamento n'um concerto admiravel de vozes com que louvam Aquella que tudo lhes dá e a nós tambem.

E, cousa admiravel! nos campos o mez de Maria é festejado pela innocencia das aves; nos templos pelo amor da mulher! Nos bosques offertam à Mãe de Deus seus cantos as aves; nas egrejas offertam-lhe as damas o coração de em volta com hymnos de festival alegria! E o homem, em meio dos seus quefazeres, nem vae interromper as aves ao cerrado dos bosques, nem as damas no templo. E assim deve ser. Deixemos a mulher engrinaldar o altar da Virgem tres vezes santa e depor n'elle o seu coração como dadiva d'amor, e fiquemos nós cá fóra para receber os golpes da impiedade que não quer Deus, da canahia que não sabe amar, dos apologistas do casamento civil que não podem nem sahem erguer, em meio do lar, um throno à mulher, e depor-lhe aos pés todos os tropheus de suas glorias, de suas lidas. Sim, fiquemos cá fóra enquanto ellas cantam as glorias da Virgem, para que os gritos dos blasphemos não vão perturbar a paz de seus corações. E se tanto for preciso, que os nossos cadaveres formem uma muralha bem alta entre ellas e os discipulos dos Marats e Robespierres; que as fogueiras do liberal marquez de Pombal nos reduzam a cinzas, mas que o templo fique em pé, e nossas mães, nossas irmãs, nossas esposas e nossas filhas tenham um altar sobre que offereçam suas lagrimas e suas orações ao Deus que nos anima.

Mas não acontecerá assim! Embora meia duzia de estouvados, espalhados

pelas principaes povoações do paiz, se apresentem alardeando o seu pedantesco atheismo em meio de quatro milhões de catholicos, porque se acobertam com a tolerancia dos governos, mais ou menos civados da mesma pedantesca molestia, Portugal hade sempre ser o reino fidelissimo, hade sempre dar provas de seu amor pela religião que o fizera grande, que o tornára a primeira nação maritima do mundo, que impellira centenas de cabeças coroadas a curvarem-se reverentes ante o monarcha portuguez, e darem-se por contentes em terem a honra distincta de serem vassallos de tal rei.

E uma prova de que os sentimentos catholicos d'este povo não afrouxaram ainda, mau grado dos *espiritos fortes*, temol-a na manifestação que o povo de Braga acaba de affirmar por occasião da imponente peregrinação do commercio ao monte Sameiro.

Um nosso amigo e collaborador do *Progresso Catholico*, que assistira a toda a festa e a quem haviamos pedido uma descripção minuciosa, já que nos não foi dado ir pessoalmente assistir a ella, diz-nos simplesmente o seguinte:

«Dispuz-me desde a noite de sabbado para satisfazer aos teus desejos e informar os leitores do nosso periodico de tudo quanto se ia passar na cidade Augusta, mas o meu assombro principiou no sabbado à noite, quando vi a cidade toda illuminada e um povo delirante de alegria encher as ruas d'esta terra, transmittindo-me o seu entusiasmo a ponto de me não deixar, quando cheguei a casa, principiar a descripção promettida.

Na manhã seguinte, quando vi desfilar a peregrinação, aquelle numerozoso concurso de povo que se estendia imponente, levando no centro grupos de anvezes santa e de virgens, cantando hymnos à Virgem immaculada, tive desejos de soltar um brado que mostrasse a toda aquella gente a alegria que me ia n'alma, e declaro-te que o fazia, se as lagrimas me não irrompessem dos olhos, abrاندando um pouco o meu entusiasmico contentamento. E sem o querer, nem mesmo dar por isso, fui, arrastado pela devoção que impellia tanto povo, até ao berbo passeio eu dêra, e que desejos eu tive então de principiar a descrever a festa!

Mas nada! nada pude fazer!

E lá fui de novo levado até ao Sameiro onde me arrebatou a eloquencia do orador, revd.º padre Bacellar. E que te direi eu da missa celebrada em meio da montanha! Que sublime quadro! que imponente acto!

Tu já assististe às missas que todos os annos se celebram ao ar livre no mais alto da serra da Penha, e podes, por isso, fazer uma pequena ideia do

quadro que eu quizera pintar-te; mas o que não podes é avaliar a multidão que se apinhava aos pés d'aquelle altar, por que os padres da Penha, apesar da sua boa vontade, não poderam ainda levar junto do altar da Virgem do Carmello 12, ou 15 mil pessoas!

Os objectos offertados pelo commercio são ricos e de bom gosto.

E não te digo mais nada. Se os jornaes d'aqui descreverem melhor aproveito o que elles disserem, que eu, francamente, não posso dizer-te se não que tive pena que não estivesse aqui.»

Por isso enquanto 15 mil pessoas sahem de suas casas para acompanharem uma peregrinação religiosa, nada temos que temer.

E não tememos!

Temer! Se até do nosso lado achamos algumas vezes os proprios inimigos, quando os fere a desgraça.

Para prova ali vae a seguinte noticia:

«Victor Hugo e os Capuchinhos.—A narração que vamos fazer é extrahida da *Gazeta de Franca*, e deveria suavisar a violencia do *Happel*, diario de Victor Hugo, acerca dos Religiosos, especialmente dos Capuchinhos.

«Quando Carlos Hugo, o filho primogenito do desvairado poeta, morreu repentinamente em Bordéas, no anno de 1871, seu cadaver foi levado á casa em que morava Victor Hugo, ao lado da epreja dos Capuchinhos. A casa estava deserta; não havia sequer um parente ou amigo.

Chamou-se um Capuchinho, que entrou no aposento em que puzeram Carlos Hugo, e ajoelhando a seu lado, começou a rezar.

Victor Hugo, avisado da desgraça que o feria em suas mais caras affeições, desesperado, banhado em lagrimas voltou ao seu domicilio, immensa emoção, se apoderou do afflicto poeta vendo o monge velar o cadaver de seu filho, e não teve n'aquelle momento o pensamento de exclamar como fizera ha poucos dias:

«Para que serve esse vadio?»

Abraçou o Capuchinho, agradeceu sua caridade christã, e dizia-se geralmente n'aquelle tempo, em Bordéas, que no dia seguinte escrevera ao Capuchinho eloquente carta, em que exaltava a missão d'aquelle religioso, cuja vida consistia em *consolar e orar*.»

O incolor, aquelle *Diario de Noticias*, de Lisboa, que nem sabe o que diz nem o que escreve, contradiz-se no mesmo numero com uma facilidade pasmosa.

Ha dias dizia elle:

«A guarnição militar do Porto, apesar de ter dois generaes e tres coronéis, foi commandada por um tenente coronel

por ocasião de acompanhar sexta-feira a procissão do enterro. Parece que na

vespera aquelles officiaes deram parte de doente. Não seria máo que a junta os inspecionasse. Grande maioria de capitães seguiu o exemplo dos seus superiores e foi para a janella ver o desfilar da tropa. O regimento de infantaria 10 não compareceu por falta de gente.

Os outros corpos apresentaram-se em força pouco superior á de uma companhia e marchando detestavelmente.»

Vê-se que o homem censurava a falta de officiaes e o pequeno numero da força atraz da procissão. Pois mais abaixo, mettendo apenas uma só noticia, diz, acerca da lei que em Franca suprimiu ultimamente as continencias militares aos bispos, etc., etc.

«Salvo o respeito devido aos principios da religião do estado, é certo que entre nós o exercito passa uma boa parte do anno a ouvir missa, formar alas ás procissões, acompanhar cirios e o Viatico aos entrevados e junto ao confissionario.»

Então o exercito em Portugal foge de acompanhar os actos religiosos ou passa n'elles a maior parte do tempo? Esperamos resposta.

O mesmo incolor fazia grandes festas á representação dos *Jesuitas*, drama levado á scena em Lisboa e Porto, e com elle bateram palmas todos os da gerigonça. Ora para que se fique sabendo que tal é o drama que tanto festejara o dito vamos transcrever o que d'elle diz a *Revista do Norte*, folha do Porto.

Escutem:

«No barracão das Variedades entram em scena *Os Jesuitas*, uma especulação torpe d'um saltimbanco refugado de todos os theatros de quarta ordem, um *Apolinario*, o *longa pata*. E' uma peça para lebados e para meretrizes; sem ta, e sem senso-commum e sem vergonha. Produz como propaganda um resultado negativo, porque envergonha o partido liberal, a quem o reles especulador offerece a independencia.

Uma completa ignominia!»

Os nossos leitores devem lembrar-se do processo instalado por D. Carlos de Bourbon e Este, de Hespanha, contra um seu ajudante chamado Boet, por lhe haver roubado o *Tosão de Ouro*, e do modo como os tribunaes italianos deram a sentença escandalosa contra o principe, absolvendo Boet. Disseram os jornaes que o proprio governo hespanhol influira para que D. Carlos fosse condemnado, e até se affirmou que o governo de D. Alfonso mandara espalhar pelo norte de Hespanha copias do processo para desacreditar o chefe do partido carlista e apressentar, portanto, Boet como um cidadão honrado.

Agora o telegrapho transmite-nos a seguinte noticia:

«Madrid, 30—Boet, antigo ajudante de campo de D. Carlos de Bourbon, foi preso em Madrid em consequencia d'um processo que contra elle se instaurou em tempo nas tribunaes da ilha de Cuba.»

Tirem os leitores do caso a moralidade que quizerem.

Está aberta no escriptorio da redacção do *Direito*, (Funchal) uma subscrição para mandar esculpir uma lapide commemorativa do filho d'aquelle terra jamais esquecido, o virtuoso arcebispo de Goa, lapide que será collocada na casa solaranga onde nasceu este respeitavel prelado.

Applaudimos a ideia e fazemos votos para que o monumento que o povo da Madeira vae erigir seja digno em tudo do varão preclaro que vae immortalisar.

Um jornal brasileiro dá a seguinte agradável noticia:

A *Provincia de S. Paulo*, escreve: «Corre na imprensa: Diversos membros da companhia de Jesus fizeram aquisição de uma chacara em Taubaté, onde pretendem estabelecer um collegio. Serão já os expulsos de Franca, que começam a invadir o Brazil?»

Que venham. Aqui ha lugar para todos. Se podem vir communistas da Franca e nihilistas da Russia, porque não poderão vir tambem as victimas dos Ferrys e dos Gambettas?

Deus queira que o boato se realise. Taubaté e todo o norte de S. Paulo lucrarão muito com um collegio dirigido pelos Jesuitas.»

O Brazil lucrará muito, e tanto hade lucrar que, quando os brasileiros estiverem cheios de jesuitas mandarão alguns civilisar Portugal, pagando-lhe d'esta forma o que em tempos passados este reino lhe fizera mandando-lhes jesuitas para os civilisar.

J. DE FREITAS.

*Subscrição para o infeliz entrevado que deseja ir a Lourdes*

Transporte.....	11\$375
Manoel Ferreira Fernandes...	500
De uma devota de Nossa Senhora de Lourdes.....	400
Uma devota de Nossa Senhora que se recommenda ás orações do peregrino.....	1\$125
Somma.....	13\$400

IMPRESA COMMERCIAL  
DE  
SANTOS CORREA & MATHIAS